

Vestindo o Santo



Reinilda de Oliveira Santos



Festa de Iemanjá - Praia do Araçagi / São Luís

Fonte: Reinilda Oliveira



Festejo de N. Senhora das Graças / Terreiro-Caxias

Fonte: Reinilda Oliveira

VESTINDO O SANTO: roupas, guias, calçados e apetrechos

Esta sessão foi elaborada para contribuir com seu entendimento acerca do universo afro-religioso no contexto do Maranhão, trazendo informações sobre as indumentárias utilizadas nos terreiros. As vestimentas e seus acessórios desempenham um papel fundamental nas práticas afro-religiosas e, por isso, devem fazer parte dos conteúdos necessários ao processo de ensino-aprendizagem nas instituições educacionais, se queremos uma educação que respeita à diversidade e que seja voltada à cidadania. Ricos em simbolismos, roupas e apetrechos transcendem o âmbito religioso, contribuindo para a construção da identidade cultural afro-brasileira. Cada peça de roupa, cada acessório, carrega consigo significâncias profundas relacionados às entidades cultuadas e aos princípios éticos das comunidades dos quais os praticantes da religião fazem parte.

As indumentárias afro-religiosas representam um símbolo de resistência e afirmação de identidades. E já que a educação tem como objetivo criar condições para o exercício da cidadania e é no processo de ensino-aprendizagem que ocorre a apropriação da cultura e, conseqüentemente, o desenvolvimento do sujeito, a falta de conhecimento sobre o tema leva à perpetuação de estereótipos, preconceitos e discriminação. Ao levar para a sala de aula aspectos das religiões afro-brasileiras, estamos proporcionando aos alunos a oportunidade de conhecer e respeitar as diferentes manifestações culturais que compõem a sociedade, a fim de desconstruir ideias preconcebidas, combater a intolerância e o racismo religioso¹, além de fortalecer a consciência histórica.

Desta forma, é necessário que tenhamos uma educação comprometida com o antirracismo, para que os alunos compreendam as noções de privilégio e desigualdade racial e reflitam sobre como o racismo está presente em diferentes esferas da sociedade e como as pessoas podem contribuir para uma mudança efetiva. A educação antirracista vai além do conhecimento teórico, ela incentiva a participação ativa na promoção da igualdade racial e a implementação de políticas e práticas de ações afirmativas com impacto na sala de aula, que ajudam a sanar as desigualdades históricas e proporcionar maior equidade social. Essa educação busca formar indivíduos mais conscientes, capazes de refletir, resistir e combater práticas discriminatórias em todas as esferas da vida.

¹ Celebrado em 21 de janeiro, o **Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa** foi instituído em 2007 por meio da Lei 11.635, sancionada com objetivo de visibilizar a luta pelo respeito a todas as religiões. A pena para quem pratica ato de intolerância religiosa foi aumentada em 2023 com sanção da Lei 14.532 (de 11 de janeiro de 2023), que equipara injúria racial ao crime de racismo e protege a liberdade religiosa. Desde então, é de dois a cinco anos de prisão, além de multa, a pena para quem obstar, impedir ou empregar violência contra quaisquer manifestações ou práticas religiosas, conforme essa Lei. É a mesma pena prevista para o crime de racismo, que é inafiançável e imprescritível. (Brasil, 2024, p. 9-10)

As indumentárias utilizadas nos terreiros do Maranhão possuem peculiaridades de acordo com as diferentes vertentes afro-religiosas. Vestir o santo ou vestir-se para o santo é uma das etapas mais importantes nos rituais dos terreiros. “Vestir o santo é vestir-se com a roupa e insígnias que caracterizam a identidade mítica do seu orixá.” (Lopes, 2015, p.08) Isto está relacionado às casas e a um conjunto de signos, cores, adornos, emblemas, guias, apetrechos, tudo de acordo com o gosto e fundamento dos encantados, como mostrado nas fotografias da página anterior.

As roupas ou alafandinga, como alguns encantados chamam, são feitas geralmente de cetim, oxford, chita, renda e rechilieu. E existe toda uma ciência para cuidar delas, como observou João Marcello Gomes (2023), pai de santo de Pindaré-Mirim: “essas roupas nunca podem ser lavadas ou guardadas junto com roupa pessoal, porque são roupas dos encantados, são as vestes deles, diferente da roupa de pecador”.

Há costureiras, bordadeiras e lojas especializadas que trabalham para os terreiros, as roupas podem ser inclusive desenhadas por determinadas entidades, como proposta para alguma obrigação e são compostas por saia e blusa, calça, camisa e mandrião/batas, e a elas podem ser acrescentados calçados, capa, com ou sem capuz, apetrechos como painas, toalhas, torços, guias, manta de miçanga, faixas de cintura, cintos, coroas, bengalas, cartolas, chapéus, joias, glanchamas, anáguas, véus, lenços, leques.

*Mas cadê a minha espada
A que eu mandei você lavar?
Ou tá lavada com areia lá do fundo do mar,
Beira Mar, Ê, É Beira Mar,
A minha espada mamãe eu quero ver
A minha espada papai pra mim vencer.*

(Doutrina da Tenda São José/ Pirapemas)

*Rema canoa remeiro
Que eu também sou remador
Que a ponta da espada
Maré molhou*

(Doutrina do pai de santo Nhozico/ São José de Ribamar)

Ao despir-se de sua roupa e vestir a roupa de razão, o indivíduo deixa sua vida do lado de fora do terreiro. No terreiro não há distinção entre o publicitário e a doméstica, não há distinção entre aquele que chegou a pé e o que estacionou seu carro importado. Todos são filhos-de-santo com direitos e deveres, que vivem sob a rígida hierarquia religiosa. (Sousa, 2006, p. 20)

Fonte: Reinilda Oliveira



Festa de Iemanjá- Praia do Araçagi / São Luís

Pés descalços- Tenda Espírita de Santa Bárbara/ Caxias



Calçados

Os calçados nos terreiros são chamados de sandálias, afopá/mocó, e tem encantado que chama de casco, mas tudo varia de acordo com as casas, inclusive em alguns terreiros as pessoas dançam descalças. Eles podem ser feitos de couro, tecido, sola, napa, verniz e encomendados de acordo com as preferências das entidades, podendo ser modelos exclusivos ou iguais para todos os filhos de uma casa. No terecô, por exemplo, é possível fazer as roupas combinando com os sapatos, dependendo da obrigação.

Sandália de couro - Tenda Espírita de Santa Bárbara/ Caxias

Fonte: Reinilda Oliveira





Fonte: Reinilda Oliveira



Diversidade de cores, forma, tamanhos e detalhes das guias /rosários



Guias

Guia, fio de conta ou rosário² são os colares utilizados nas religiões afro. Eles variam de acordo com o município/região e especificidades de cada guia espiritual, podendo ter variação de cor, formato e elemento, conforme a vertente na qual a entidade atua. Geralmente o povo de santo possui várias guias, representando seus diferentes santos de cabeça. Inclusive, em São Luís, as guias podem trazer a identidade da casa, a qual a pessoa pertence.

O pai de santo João Marcello de Oxóssi ou compadre João Marcello, como é mais conhecido, afirmou que na sua região, município de Pindaré-Mirim, o que chamam de rosário era antes conhecido como conta de Santa Maria ou bala de Santa Bárbara. Mas agora não se encontra mais esse tipo, estão usando os rosários de miçangas. Em cada casa existe uma marcação, que é a cor do chefe da casa da qual a pessoa faz parte. Ele disse que na casa de mestre Bita do Barão, da qual foi filho, usa-se verde, vermelho e branco, as cores da mata codoense, de Légua Bugi. Então cada cor é determinada pelo guia e tem a quantidade de fios. Se você começou agora, você usa 1 fio, se tem um certo período são 3.

O fio-de-contas é um emblema social e religioso que marca um compromisso ético e cultural entre o adepto e o santo. É um objeto cotidiano, público, situando o indivíduo na sociedade do terreiro. Há critérios que compõem os textos visuais dos fio-de-contas, proporcionando identificação de santos, papéis sociais, rituais de passagem ou ainda fios-de-contas mais sofisticados, que, além de identificar o indivíduo, sua situação no terreiro, ainda identificam o tipo de nação, ora por cor, ora por emblema. (Lody, 2001, pp. 59)

² Os encantados da Mina são representados nos terreiros, principalmente, por seus rosários (colares usados nos rituais) e por suas guias (colares menores). (Ferretti, M, 2000, p. 77)

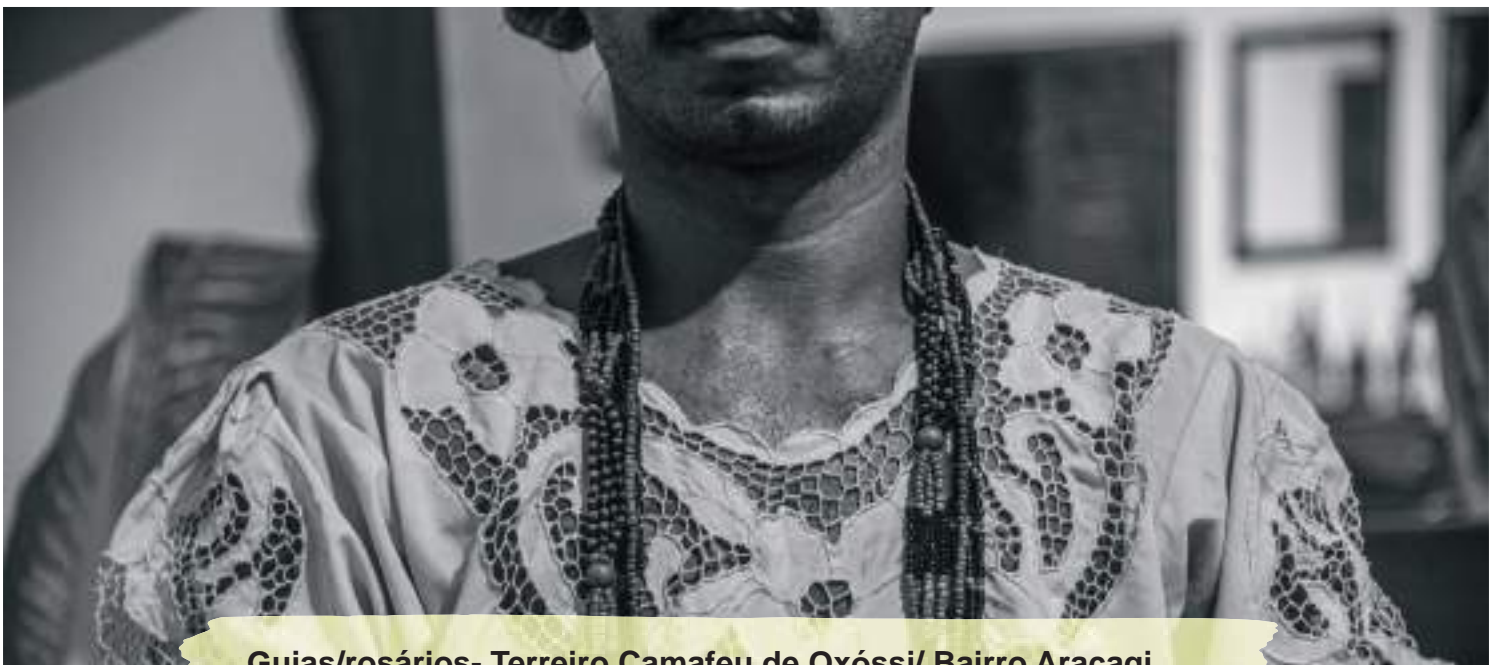
O pai e mãe de santo, na visão do pai de santo João Marcello, é o dono do terreiro e tem como função zelar pelo próprio santo, do terreiro e dos filhos de sua casa. Ele é mais que um pai/mãe, ele é médico, conselheiro, psicólogo. Segundo ele, o pai de santo ou zelador, como também é chamado, tem muitas funções.



A guia pode ser feita com diferentes materiais, como cordão de náilon ou barbante, acrescidos de miçangas, conchas do mar (mostrado na fotografia abaixo), sementes, ossos, madeira, pedras naturais furadas, contas de porcelana, cristais. Na ponta colocam-se pingentes, como figa, cruz, estrela de Davi- “cinco/signo Salomão”, ferramentas (miniaturas de itens associados às entidades), pedras, cabaças pequenas, tudo de acordo com o gosto do encantado a qual ela se destina.

Na parte de trás, usa-se um tipo de conta, pedra ou miçanga maior, chamada de firma ou cabo-verde, lá é o ponto de força da guia, e por isso é necessário que esteja em contato com a nuca da pessoa. De modo geral, esses materiais são comprados em lojas de artigos místicos ou armarinhos; além disso, há pessoas do santo especializadas na produção das guias.

Fonte: Reinilda Oliveira



Guias/rosários- Terreiro Camafeu de Oxóssi/ Bairro Araçagi



Priscila Aguiar (retratada nas fotografias abaixo), filha de santo da Casa de Mãe Severina de Santa Rosa dos Pretos, Itapecuru-Mirim, disse que por lá chamam as guias de rosário ou rosário-guia e elas podem ter muitas pernas, que é a quantidade de fio, variando entre 3, 7, 9 e 21 pernas; quanto mais pernas, mais grosso ele é, e quem define essa quantidade é o guia.

Priscila contou que os rosários são construídos e consagrados de acordo com o fundamento da casa, o mistério de cada guia, isso está relacionado com as cores e objetos que serão colocados. Seu Ciarencinho (entidade) pediu um rosário com 7 pernas/fios. Ele é um turco e seu rosário tem as cores verde, amarelo e vermelho, cores da Turquia, e tem uma estrela de Davi. Esses rosários são consagrados em banho de ervas e esse banho também é de acordo com o gosto e a linha do encantado. Seu Ciarencinho, por exemplo, gosta da oriza, que é uma planta de força para as correntes dele.

Fonte: Ana Mendes

Fonte: Reinilda Oliveira



Priscila Aguiar incorporada com seu Ciarencinho e em uma situação cotidiana

O que eles também acham disso...



O filho de santo Fernando Cardoso, do terreiro Tenda Jurandiense de Itapecuru-Mirim, afirmou que as guias, depois de preparadas, passam por um banho de luz, banho que vai consagrar e dar aquela firmeza (que é a fluidez da energia de reafirmação do médium com a entidade), para que ela cumpra sua finalidade com o guia e o médium.



Diego, filho de santo do terreiro Tribuna Jurandiense, em Itapecuru-Mirim, destacou que tudo começa no processo de feitura, quando o pai de santo vai tomar conhecimento a qual entidade/orixá o médium pertence. Depois disso, tem um preceito para que seja confeccionado o fio de conta. Geralmente as cores são específicas das entidades que o médium carrega. Ele disse: “eu tenho como farrista seu Zé de Légua, membro da família de légua, eu poderia colocar na minha guia um chapéu, um laço de couro, ou uma firma ou cabo-verde na cor que a entidade gosta.”



O pai de santo Gustavo Costa, do Terreiro Rei Sebastião, em São Luís, disse que os rosários são feitos sob preceitos, servem para nossa identificação e para nossa proteção, “somos protegidos por aquela energia, por aqueles fios de contas que estão no nosso pescoço e protegem todos os nossos chacras”.

Apetrechos

Apetrecho aqui é entendido como o conjunto de elementos que complementam as roupas de santo nos rituais de terreiro. O Babalorixá Euclides Ferreira (2003, p. 43) destaca que, “na cura, ao iniciar, o curador ou curandeira, de antemão deverá estar arrumado com todos os seus apetrechos (glanchamas ou fitas, maracá, penacho e tauarí-espécie de charuto com essências).”

Glanchamas / calanchamas

Glanchama é uma espécie de bandoleira, usada em rituais de cura/pajelança, que podem ser construídas com faixas, cordões, fitas coloridas, e são amarradas e atravessadas em várias partes do corpo dos pajés, nos braços, tórax, cintura, dando firmeza para os médiuns. Pai Euclides Menezes (2003, p. 26) destacou que “as glanchamas são uma espécie de suporte que impede que algo de negativo se aproxime do curandeiro, é uma determinada firmeza”. Geralmente, ela é acompanhada do maracá e penacho, como vemos na seguinte doutrina da linha de Cura, “Servente da minha mesa, escute q’eu vou cantar, Tira a minha ‘glanchama’, deixa só meu maracá”.

Fonte: Jandir Gonçalves

Fonte: Jandir Gonçalves



Quem escreve sobre isso

Mundicarmo Maria Rocha Ferretti é antropóloga, professora Emérita e Titular da Universidade Estadual do Maranhão, e cofundadora do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura Popular- GP Mina. Autora e colaboradora de livros científicos e de artigos publicados em periódicos de Cultura Popular e Religião Afro-brasileira. É membro titular da Associação Brasileira de Antropologia-ABA, e da Comissão Maranhense de Folclore-CMF. Possui vários trabalhos premiados em concursos realizados no Maranhão.



Trechos de seu livro Desceu na Guma, em que referencia as glanchamas

“O servente ajuda o pajé a amarrar as ‘glanchamas’(faixas) em seus braços, pernas e cintura (‘para a firmeza de suas linhas’) e entrega-lhe o penacho de arara, o maracá e a ‘pana’ da entidade espiritual que abre a Cura e acompanha-o até o barracão, defumando o lugar por onde vai passando e o barracão onde vai realizar o ritual.” (Ferretti, M.,1996, p.143)

“No encerramento do ritual, o pajé, incorporado com seu mestre de Cura, canta pedindo ao servente para desamarrar suas glanchamas (faixas), a fim do encantado nele incorporado poder voltar à água doce (de onde veio)”. (Ferretti, M., 1996, p.145)

Penacho e maracá

Penacho e maracá são elementos utilizados, em conjunto, nos rituais de cura, também conhecidos como pajelança, brinquedo de cura, ou simplesmente brinquedo. Em Pindaré-Mirim, Monção e Santa Inês este ritual é denominado maracá.

Na concepção do pai de santo Euclides Menezes (2003), o penacho é o adereço que faz a espanação nas pessoas e em cima de suas enfermidades no ato da cura. É um conjunto de 10 a 15 penas de arara, em forma de espanador, tendo a parte inferior, o formato de um cabo, onde se prendem em laços de fita e cores diversas. Esse apetrecho normalmente é usado na mão esquerda, já que o maracá é usado na mão direita.

O maracá, também conhecido por chama, é o principal instrumento do curandeiro, como argumentou Euclides Menezes (2003). É através dele que o mestre capta toda sua energia espiritual. É feito de cabaça, preferencialmente da cabaça do uruá, uma planta rasteira, cujos frutos são pequenos, já na medida certa para a confecção do maracá. Após a cabaça ficar seca, são retiradas as suas sementes, para que sejam colocadas as sementes da sororoca, planta. Na parte inferior do maracá é colocado um cabo de madeira, onde o pajé segura, para sacudi-lo, emitindo um som bastante parecido com o som do chocalho da cobra cascavel.

Fonte: Jandir Gonçalves

Fonte: Jandir Gonçalves



Penacho, glanchamas e maracá sobre a mesa – e na mão de mãe Euzita - Terreiro em São Luís



Maracá na mão do pai de Santo Gustavo- São Luís

Painas / panas

Painas/panas também são conhecidas por espada. É um paramento, em faixa larga e comprida, que o povo de santo utiliza em torno do pescoço, na cintura ou na mão durante as celebrações. Para Euclides Menezes, paina ou espada são pedaços de tecidos, que variam de 50 a 150 cm de comprimento, em cores variadas, e que normalmente têm as iniciais ou o nome do mestre. Em algumas são desenhados símbolos como estrela, signo de Salomão, etc. Estas painas são usadas pelo curandeiro em um dos braços ou às vezes sobre o pescoço. (Ferreira, 2003, p.40)

Fonte: Reinilda Oliveira



Fonte: Reinilda Oliveira



Fonte: Reinilda Oliveira



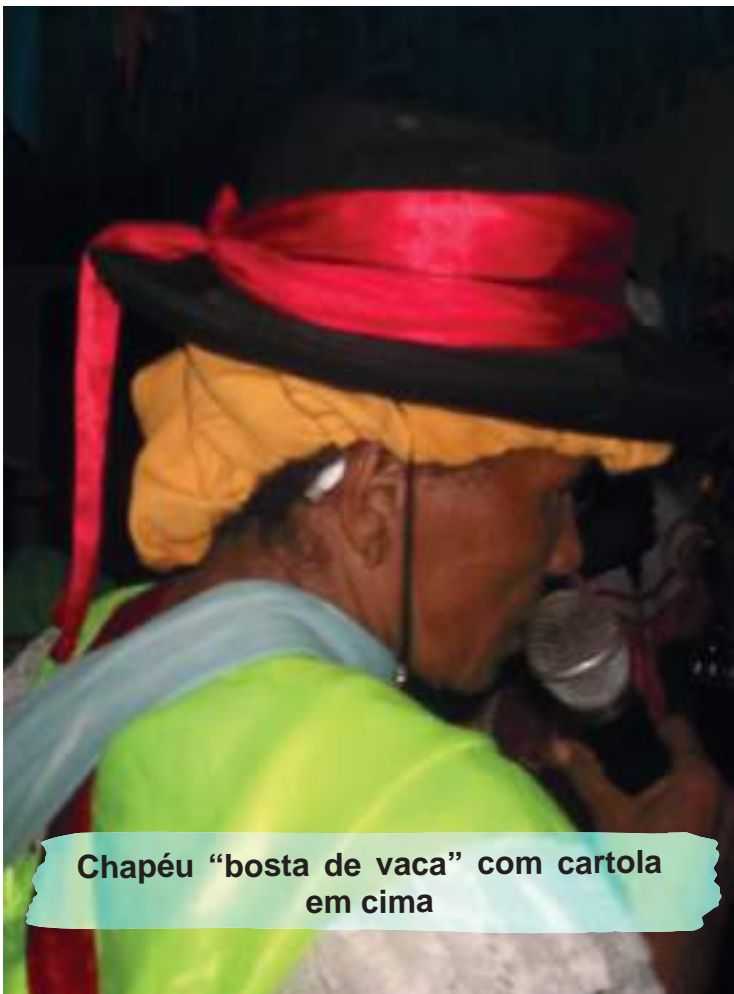
Painas- Terreiro Camafeu de Oxóssi

Chapéu

O chapéu é muito utilizado nos terreiros, tanto para caracterizar as entidades, como para proteger a cabeça. Quando vão fechar o tambor, por exemplo, cobre-se a cabeça com chapéu, torço, toalha ou lenço.

Há uma diversidade de chapéus no universo da encantaria, eles são solicitados pelos encantados e obedecem aos seus gostos, que podem ser definidos pela energia (masculina ou feminina) da entidade, pela linha ou pela celebração. Podem ser de materiais, cores e tipos diferentes, podendo ter ou não lenço embaixo.

Diversos materiais são utilizados para sua confecção, como: feltro, fibra sintética, napa, palha, couro, tecido. Além disso, há tipos diferentes como chapéu de marinheiro, boina, fez (chapéu turco), cartola, quepe, chapéu bosta de vaca³, mostrados nas imagens abaixo, capturadas por Jandir Gonçalves, na Casa de Dona Roxa, em Bacabal.



Chapéu “bosta de vaca” com cartola em cima

Fonte: Jandir Gonçalves



Chapéu “bosta de vaca”

Fonte: Jandir Gonçalves

³ Chapéu feito de tecido, com desenhos ou com estampa colorida e floral. Em Bacabal percebemos a presença mais intensa desse modelo de chapéu.

O chapéu pode fazer conjunto com torsos, lenços, bengala, leques, buquê de flores, joias, cachimbo, corda de laçar (no caso de vaqueiro, ilustrado na imagem abaixo) e pode harmonizar com a indumentária, comportamento, canto e dança do ritual.

Fonte: Jandir Gonçalves



Chapéu de couro e laço combinando- Tenda São Jorge-Carutapera

As entidades princesas preferem os chapéus floridos e rendados, os pretos velhos usam chapéu de palha, o povo de légua tem preferência pelo chapéu de couro ou feltro. Por vezes, são característicos de suas profissões como marinheiro e vaqueiro, inclusive alguns vaqueiros usam chapéus bordados com canutilho e miçangas, com desenhos e imagens de santos. Representações das entidades também podem usar as indumentárias e acessórios, com os temas de celebrações.

Fonte: Jandir Gonçalves



Imagens vestidas com roupas e apetrechos da festa-Tenda São Jorge/ Carutapera

Outros apetrechos fazem parte desse rico universo como joias (colares, terços, anéis, brincos, pulseiras); Gravata (lenço amarrado no pescoço, utilizado por encantado masculino); Leques (utilizado por princesas, pomba gira); Coroas (característico dos pais de santo da Baixada Maranhense); Diademas dos indígenas (usado em festa de índio) e tantos outros que seguem o gosto do encantado ou das pessoas que os recebem.

Esta sessão pode ser trabalhada para fortalecer o respeito à diversidade, a compreensão cultural e a construção de uma sociedade mais inclusiva, tendo em vista que, ao reconhecer e valorizar as tradições religiosas afro-brasileiras, contribuimos para a construção de um ambiente educacional mais enriquecedor e respeitoso com as múltiplas identidades do país. Ao trazer as indumentárias afro-religiosas para o ambiente educacional, os professores também têm a oportunidade de abordar questões relacionadas à formação histórica e cultural do Brasil e combater o racismo religioso. Dessa forma, os alunos não apenas adquirem conhecimento sobre uma expressão cultural específica, mas também desenvolvem habilidades críticas e sensibilidade cultural.

Referências

BRASIL. **Ministério da Igualdade Racial**. Brasília. 2024. Diretoria de Políticas para Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana e de Terreiros (DPTMAT). Guia de orientação para denúncias de racismo religioso. Brasília. 2024.

FERRETTI, Mundicarmo. **Desceu na Guma: o Caboclo no Tambor de Mina**. São Luís, EDUFMA, 2000.

FERREIRA, Euclides Menezes. **Pajelança**. São Luís: Editora Estação Produções LTDA, 2003.

LODY, Raul. **Jóias de Axé: fios-de-contas e outros adornos do corpo: a joalheria afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

LOPES, Maria Aparecida Oliveira. Introdução a arte afro-brasileira. In **XXVIII SIMPOSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios**. 27 a 31 de julho de 2025. Florianópolis.

SOUZA, Marcelo De Salete. **Museu Afro Brasil: o reconhecimento da cultura material e simbólica afro-brasileira**. Monografia em artes plásticas. São Paulo: USP, 2006.

Entrevistas

AGUIAR, Priscila Conceição. [Entrevista concedida a] Reinilda de Oliveira Santos. São Luís, junho de 2023.

CARDOSO, Fernando. [Entrevista concedida a] Reinilda de Oliveira Santos. Itapecuru- Mirim, maio de 2023.

COSTA, Gustavo. [Entrevista concedida a] Reinilda de Oliveira Santos. São Luís, junho de 2022.

GOMES, João Marcello. [Entrevista concedida a] Reinilda de Oliveira Santos. Pindaré-Mirim, fevereiro de 2023.

LIMA, Gleison Diego. [Entrevista concedida a] Reinilda de Oliveira Santos. Itapecuru- Mirim, maio de 2023.

INSTRUÇÃO TÉCNICA E ELABORAÇÃO DAS SESSÕES EDUCATIVAS DA ABA EDUCATIVO DO MUSEU AFRO DIGITAL DO MARANHÃO



Pesquisa e Texto:

Reinilda Oliveira e Jandir Silva Gonçalves

Orientação:

Viviane de Oliveira Barbosa

Capa e Projeto Gráfico:

Claudio Lima

Fotografias:

Reinilda Oliveira, Jandir Gonçalves e MAD MA

Entrevistas:

Fernando Cardoso, Gleison Diego Lima,
Gustavo Costa, João Marcello Gomes e
Priscila Conceição Aguiar

Apoio:

Universidade Estadual do Maranhão
Programa de Pós-graduação em História
Museu Afro digital do Maranhão



ROTEIRO DE ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

| | |
|---|---|
| Tema da sessão | VESTINDO O SANTO: roupas, guias, calçados e apetrechos |
| Objetos do conhecimento¹ | Herança histórico-cultural e a importância da preservação da memória |
| Série | 1ª Série do Ensino Médio |
| Duração | 2 aulas |
| Área do conhecimento na BNCC / Subárea | Ciências Humanas e Sociais Aplicadas / História |
| Competências da área na BNCC | 5- Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. |
| Habilidades da BNCC | (EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais. |
| Habilidades COPEM | (EM13CHS104) - Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço. |
| Habilidade sugerida | Analisar o significado cultural, simbólico e histórico das indumentárias utilizadas nos rituais afro-religiosos e, a partir disso, refletir sobre sua relação com a identidade, ancestralidade e resistência, problematizando como o |

¹ De acordo com o Caderno de Orientações Curriculares para o Ensino Médio da Rede Estadual do Maranhão (COPEM).

| | |
|---|---|
| | desconhecimento sobre a temática reflete em diferentes formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação. |
| Palavras-chave | Terreiro, vestimentas sagradas, simbolismo, identidade, pertencimento |
| Aprendizagens essenciais na BNCC | Respeito aos direitos humanos e à interculturalidade e o combate a preconceitos de qualquer natureza. |
| Objetivos² | <ul style="list-style-type: none"> - Ampliar o conhecimento sobre o universo afro-religioso maranhense, já que a falta de conhecimento sobre o tema leva à perpetuação de estereótipos e preconceitos e à discriminação propriamente dita; - Estudar aspectos das religiões de matriz africana na sala de aula, desconstruindo ideias preconcebidas, combatendo o racismo religioso, e fortalecendo a consciência histórica; - Compreender a importância das vestimentas e de seus acessórios na vida cotidiana dos afro-religiosos, como itens de proteção e elementos de fé para subsidiar o combate ao racismo. |
| Metodologia de Ensino | <p>- Sala de aula investida; aula expositiva e dialogada; apresentação de seminários em grupos.</p> <p>Sala de Aula Invertida: pedir que os estudantes olhem as fotografias da exposição “Olhares, costuras e segredos dos sagrados afro-brasileiros”, da Zum Revista de fotografia (link disponível na referência).</p> <p>1ª aula - Exploração Teórica- aula expositiva e dialogada</p> <ul style="list-style-type: none"> - Abrir a discussão contextualizando a temática das indumentárias afro-religiosas com o objeto do conhecimento do Caderno de Orientações Curriculares para o Ensino. |

² No Ensino Médio, a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade.

| | |
|---|--|
| | <ul style="list-style-type: none"> - Depois, focar nas indumentárias utilizadas nos terreiros, destacando que elas possuem exuberantes peculiaridades e que vestir o santo ou vestir-se para o santo é uma das etapas mais importantes nos rituais dos terreiros e isso está relacionado às casas e a um conjunto de signos, cores, adornos, emblemas, guias, apetrechos, tudo de acordo com o gosto e fundamento das entidades afro-religiosas; - Problematizar a aula a partir do que os estudantes sabem sobre o tema e o que viram nas fotografias da revista Zum; - Dividir a sala em 4 grupos para leitura, sendo um grupo para cada tópico apresentado na sessão. <p>2ª Aula - Atividade Prática/Avaliativa- apresentação de seminários em grupos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação dos Grupos - cada grupo realiza uma breve exposição sobre os elementos presentes nos tópicos da sessão, destacando sua importância cultural e religiosa. - Depois discutir a temática, estimulando o debate e a troca de ideias entre os estudantes, a partir de reflexão crítica sobre a diversidade das roupas e apetrechos apresentados na sessão e o modo como esses elementos se relaciona com as entidades afro-religiosas; |
| <p>Recursos Didáticos e tecnológicos</p> | <p>Sessão VESTINDO O SANTO: roupas, guias, calçados e apetrechos (PDF), data show e computador para expor fotografias, reportagens, filmes documentários, vídeos; entrevistas com membros de terreiros e outros recursos didáticos.</p> |
| | <p>Disciplinas: História, Arte e Sociologia</p> <p>Duração: 4 aulas</p> <p>Tipo: instalação interativa³</p> |

³ Sistema vivo em que o público dialoga fisicamente com um evento que está acontecendo no ambiente, e que pode se modificar de acordo com as interações do público.

**Sugestão de
interdisciplinaridade**

Local: Pátio, auditório, sala de aula ou entorno da escola

Título: *Fios de Fé - explorando as indumentárias do universo afro-maranhense.*

Objetivo: Promover uma reflexão sobre o universo afro-religioso, abordando aspectos históricos, sociológicos e artísticos com foco nas indumentárias como expressão cultural, religiosa e identitária, explorando seus significados simbólicos e sua relação com os encantados. A ação busca sensibilizar a comunidade escolar para a riqueza das tradições afro-brasileiras e contribuir para o respeito à diversidade religiosa e o fortalecimento de uma educação antirracista.

1ª Aula

- Os professores das três disciplinas escolherão previamente os grupos, de acordo com as habilidades de cada estudante. A sala pode ser dividida em pequenos grupos, pois uns irão apresentar os elementos expostos, outros cuidarão da organização do espaço e haverá ainda aqueles que auxiliarão o público que participará ativamente das ações. Lembrando que o grupo é o mesmo nas três disciplinas e o público-alvo pode ser os alunos de outras turmas da escola e familiares.

- O professor de Sociologia pode apresentar o universo afro-religioso a partir da perspectiva sociológica, com uma breve contextualização sobre as principais características das religiões afro, explorando conceitos sociológicos como terreiro, sincretismo, resistência cultural, identidade e religiosidade afro-brasileira, além de frisar a importância da ancestralidade no universo afro-religioso, devendo utilizar a sessão para enriquecer a compreensão dos estudantes sobre o tema;

- O professor de História pode escolher imagens e vídeos sobre a diversidade das roupas e apetrechos usados nos rituais afro-religiosos e que serão exibidos durante a instalação.

- O professor de Arte poderá explicar o funcionamento de uma instalação interativa e ajudar os estudantes no planejamento da instalação, etapa que será feita em parceria com os outros discentes.

- Os três professores, juntamente com a turma, devem escolher os elementos que irão compor a instalação, isso pode ser feito de acordo com as possibilidades da escola, seguem algumas sugestões:

- Pedacos de diferentes tecidos utilizados nas roupas de terreiro: cetim, *oxford*, chita, renda e *rechilieu*, para que o público tenha acesso e possa tocar durante a instalação;
- Fotografias impressas recortadas em formato de quebra-cabeça para o público montar;
- Aparechos para manuseio, a exemplo de guias, manta de miçanga, faixas de cintura, cintos, coroas, bengalas, cartolas, chapéus, joias, véus, lenços, leques;
- Exposição de fotografias e vídeos sobre vestimentas projetadas na parede através de data show e computador;
- Disposição de códigos QR que, ao serem escaneados, mostram vídeos (YouTube) das roupas em movimento, durante rituais.
- Pendurar etiquetas de papel com informações sobre as indumentárias, a relação das cores e dos tecidos com entidades, e informações mais gerais sobre as religiões;
- Desenhos para que o público pinte na hora, seja com lápis de cor ou tinta;
- Manequins vestidos com trajes ritualísticos.

2ª e 3ª aula

-Fazer a ambientação do lugar onde ocorrerá a instalação, seguida da culminância da atividade, em que os estudantes e professores irão receber o público e auxiliar no processo de interpretação do que está sendo exibido, através de

| | |
|---|--|
| | <p>explicações sobre os elementos expostos, ajuda nas atividades interativas como pinturas, montagens de quebra-cabeça, manuseio de tecidos e outros acessórios disponíveis no local, como guias, chapéus, painas, cartolas, lenços, leques e o que mais tiver a disposição.</p> <ul style="list-style-type: none"> - A proposta traz o princípio da inclusão quando oferece atividades táteis, como o manuseio de apetrechos e diferentes tecidos utilizados nas indumentárias de terreiro, contemplando assim pessoas com deficiência visual. - Avaliação: Os professores poderão avaliar, registrando com gravações de depoimentos dos grupos, as percepções relacionadas às habilidades desenvolvidas durante a elaboração e vivência da atividade e o que foi apreendido sobre a temática das vestimentas afro-religiosas. |
| <p style="text-align: center;">Referências</p> | <ul style="list-style-type: none"> - BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional Comum Curricular. 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 20 de janeiro de 2023. - BRASIL. Documento Curricular do Território Maranhense: para a Educação Infantil e o Ensino fundamental. 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2019. 487 p. - EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA. Olhares, costuras e segredos dos sagrados afro-brasileiros. Zum Revista de fotografia. Disponível em: https://revistazum.com.br/radar/costuras-sagrados-afro-brasileiros/. 2020. - FERRETTI, Mundicarmo. Desceu na Guma: o Caboclo no Tambor de Mina. São Luís: EDUFMA, 2020. - MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação. Caderno de orientações curriculares para o ensino médio da rede estadual do Maranhão / Secretaria de Estado da Educação. — São Luís, 2022. - SANTOS. Reinilda de O. VESTINDO O SANTO: roupas, guias, calçados e apetrechos. Sessão educativa In: Museu Afrodigital do Maranhão. 2025. Disponível em: inserir link. |